

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil

DA ESTÉTICA PERTURBADORA AO QUE NOS EMOCIONA: A PERFORMANCE VOCAL DE ELZA SOARES

JOÃO CARLOS LOPES¹

RESUMO

Este artigo tem como proposta uma discussão acerca das relações dialógicas entre a História e a estética vocal na trajetória profissional da cantora Elza Soares, que em outubro de 1953, decidiu apostar em suas fantasias e resolveu inscrever-se num programa de calouros, comandado por Ary Barroso. Começava ali a trajetória de uma mulher negra, favelada e à margem da sociedade, que com seus “malabarismos vocais”, transformou-se em uma das maiores cantoras do Brasil. Para isso, pretende-se verificar como a resiliência pelo viés da estética e performance vocal na arte de cantar, é de singular importância para a contribuição da cidadania frente ao fragmentado mundo pós-moderno, onde o controle e a disciplina se tornam ferramentas essenciais para manutenção do bem-estar social e reconhecimento profissional.

Palavras-chave: Elza Soares– Música Popular Brasileira - Fonoaudiologia – Estética Vocal – Resiliência.

¹ Universidade Veiga de Almeida. Jlope9@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

“Deus é feminino, negro e nasceu num morro carioca” (Assis Ângelo)

Serve o presente texto para fomentar os critérios e as escolhas que precederam à produção do material de pesquisa apresentado neste artigo que primeiramente fala de identidade *peçoal* e *cultural* que se trata. Por *identidade peçoal*, entendemos todos os aspectos referentes aos conteúdos relativos à sua sociabilidade, dados de sua formação individual, como os que foram tão bem apresentados na biografia de Elza (LOUZEIRO, 1997). Aliás, é possível afirmar que a biografia, ao menos entre historiadores, goza de uma certa simpatia, e até mesmo euforia nas últimas décadas. Os trabalhos de Sabrina Loriga (1998), Giovanni Levi (2000) e Jacques Le Goff (1999) são importantes no sentido de apresentarem usos, tendências e críticas à utilização dela na história. Loriga, por exemplo, vê o entusiasmo dos historiadores em relação à biografia como produto de uma crise da “história científica”, baseada em conceitos totalizantes de classe social ou de mentalidade, nos quais ocorreria uma subordinação das ações sociais às forças produtivas ou aos meios culturais. A afirmação de Giovanni Levi dá a medida exata das vantagens em se apostar nessa ferramenta metodológica, pois em sua opinião “a biografia constitui [...] a modalidade ideal para verificar o caráter intersticial – entretanto importante – da liberdade de que dispõem os agentes, [assim] como para observar a maneira pela qual funcionam concretamente sistemas normativos jamais isentos de contradições” (Levi apud Le Goff, 1999, p. 24). Esse movimento – o da relação entre biografia e história, biografia e estética – das ciências humanas ocorre paralelamente ao aumento do interesse do público em geral por obras de cunho biográfico, que produziu um verdadeiro *boom* no mercado editorial, tanto no Brasil como no exterior².

Neste trabalho as “contradições” das quais fala Levi ficam evidentes quando analisamos as relações entre conjuntura histórica, vida e obra da cantora Elza Soares (1937). Nos idos dos anos 60, ela foi repentinamente celebrada como uma grande novidade no mundo do samba devido ao fato de ser uma negra, favelada e migrante que guardava uma “jóia” em meio à sua condição social: cantava como ninguém cantara até então. A riqueza de sua trajetória pessoal permite-nos ampliar o “olhar” e trazer os vários atores sociais que estavam envolvidos nessa trama.

O lançamento do primeiro LP “Se acaso você chegasse” (Odeon-1960), ocorre num momento em que novos atores sociais dão as caras na produção cultural nacional, a qual era informada pelo otimismo de um país que se pensava no caminho certo. A Era

² Sobre as potencialidades e os limites dos usos da biografia na história, ver, entre outros: Schmidt, 2000; Levi, 1996; Ferreira, 1994; Bourdieu, 1986 e Alberti, 1991.

JK, o futebol de Pelé, Garrincha e Didi, o Cinema Novo, a Bossa Nova e o samba de Zé Kéti e Elza Soares davam o tom e o ritmo dos assim denominados “anos dourados”.

Essa é a história de Elza Soares que, ao longo dos últimos cinquenta anos, vêm acumulando informações e construindo seu próprio “*produto cultural*”. Neste, por trás da sua mera aparência metafórica se esconde a história de uma mulher real, que lutou – e continua lutando – com sua maior arma, sua voz particular, idiossincrática, para romper o silêncio, o esquecimento e a indiferença que a vida em sociedade impõe, quando não se faz parte de seus estratos mais abastados, ou seja, quando não se transita com facilidade nas estruturas sociais de poder de uma dada sociedade.

Buscamos assim, entender como o problema da diversidade, diferença e identidade cultural se projetam na estética vocal de Elza Soares. Nossa hipótese é a de que através da música produzida pela *Cinderela negra*, e em particular sua performance vocal, pode-se vislumbrar a construção de uma atitude *perceptiva*, que ao mesmo tempo em que busca dialogar com a produção musical global, cria um olhar crítico sobre sua própria condição, frente a este mundo globalizado.

Elza Soares não é simplesmente uma intérprete de vários gêneros musicais. Ela tem o dom de se apoderar da música, com seu timbre rouco, ritmado e por vezes rascante que faz com que a interpretação seja eletrizante, perturbadora, emocional. Em momentos, os compositores tornam-se meros coadjuvantes frente à sua performance vocal. Ela é uma cantora performática que se utiliza de sua criatividade para interpretar e até subverter as características do seu canto.

DISCUSSÃO

1) O resiliente

A escolha por um estudo sobre a trajetória profissional da cantora Elza Soares, se dá não só pela sua longevidade, mas, sobretudo, pela maneira como, através do seu cantar, ela vem desenvolvendo – mesmo que inconscientemente – o conceito de idiosincrasia e de resiliência, apontado por Antônio Carlos Gomes da Costa (2000).

O termo vem da física e significa a capacidade humana de superar tudo, tirando proveito dos sofrimentos, inerentes às dificuldades. O resiliente é aquele que se recupera e molda-se a cada "deformação" (obstáculo) situacional. O equilíbrio humano é semelhante à estrutura de um prédio, se a pressão for superior à resistência, aparecerão rachaduras (doenças e lesões, por exemplo). Dentre as mais diferentes doenças psicossomáticas que se manifestam no indivíduo que não possui resiliência, estão o estresse e doenças graves como a gastrite até a síndrome do pânico, incluindo ainda problemas como vaginites, doenças intestinais, hipertensão arterial, entre outros males.

Durante o ciclo de vida normal, é necessário ao indivíduo desenvolver a resiliência para conseguir ultrapassar as passagens com "ganhos", nas diferentes fases: infância, adolescência, juventude, fase adulta e velhice, incluindo mudanças como de solteiro para casado. O indivíduo que possui resiliência desenvolve a capacidade de recuperar-se e moldar-se novamente a cada obstáculo, a cada desafio. Se transportarmos o raciocínio para o dia-a-dia, poderemos observar que, quanto mais resiliente for o indivíduo, haverá menos doenças e perdas e mais desenvolvimento pessoal será alcançado.

Um indivíduo submetido a situações de estresse e que sabe vencer sem lesões severas (rachaduras) é um resiliente. Já quem não possui resiliência é o chamado "homem de vidro", que se "quebra" ao ser submetido às pressões e situações estressantes. A idéia de resiliência pode ser comparada às modificações da forma de uma bexiga parcialmente inflada, se comprimida, adquirindo as formas mais diversas e retornando ao estado inicial, após pressões exercidas sobre a mesma.

A resiliência consiste em equilíbrio entre a tensão e a habilidade de lutar, além do aprendizado obtido com obstáculos (sofrimentos). Traduzindo em outras palavras, é atingir outro nível de consciência. O indivíduo que não possui ou não desenvolve a resiliência, pode sofrer severas consequências, que vão da queda de produtividade ao desenvolvimento das mais diferentes doenças psicossomáticas.

2) Pesquisa de campo

Essa investigação com tal propósito implica na interdisciplinaridade, na medida em que abarca, ao menos, três áreas do conhecimento: História, Música popular brasileira e Fonoaudiologia. Ressalve-se que, embora os estudos sobre a História (LEVI, 2000), a MPB (CAMPOS, 1998) e a Fonoaudiologia (BEUTTENMÜLLER & LAPORT, 1992) possam esclarecer muito da produção estético-musical de Elza Soares, optamos também nos ater às entrevistas com a cantora, numa abordagem diretiva, ou seja, que considera as palavras da cantora como grande fonte de investigação, projetando a perspectiva intersemiótica que lhe é peculiar.

Nesse Caminho, optamos pelo tema que definimos como um processo de persistência face à adversidade, a resiliência. A terminologia é importada da física, o fenômeno da resiliência acontece, quando um átomo depois de chegar ao seu grau de estresse máximo, volta a sua forma original ileso. Com o ser humano o conceito funciona de maneira diferenciada, depois de passar por momentos adversos o resiliente até volta a sua origem, mas transformado.

Podemos observar evidências da resiliência em pequenos detalhes da vida das pessoas, bem como da forma como elas tentam lidar com esses problemas de uma forma construtiva, de forma a transformar os escolhos no seu caminho em seu benefício. Na realidade a resiliência do ponto de vista psicanalítico tem que ver segundo Gleitman (1999) com "as várias formas de resistência, normalmente inconscientes pelas quais o paciente tentava desviar a corrente do pensamento – mudando de assunto, esquecendo do que estava para dizer, etc.". É assim que Freud terá iniciado a associação livre de forma a poder analisar que tipos de lapsos de linguagem, ou outras ações demonstravam que algo se estava a passar com o sujeito no seu inconsciente.

O resiliente é aquele que tem a arte de ser flexível. Transportando o conceito para o contexto em que está inserido a cantora Elza Soares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos demonstrar nesse ensaio e acompanhar de perto como é a vida da cantora Elza Soares, que teve uma infância difícil, quebrou barreiras sociais e que hoje é considerada por vários profissionais do mundo artístico e literário como uma das maiores cantoras do Brasil, sendo premiada no ano de 2000 pela BBC de Londres como “ A Cantora do Milênio”. Uma mulher aclamada pelo público pelo seu tão particular timbre vocal, com sua voz forte, emocional, performática nessa explosão que acontece no encontro dos desiguais. Resiliência não se adquire, mas desenvolve-se e, no caso de Elza Soares, o seu canto é o viés desse desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, R. "A imprensa negra do estado de São Paulo", in *Estudos Afro-brasileiros*, São Paulo, Perspectiva. 1983
- BAUDELAIRE, Charles. "Obras estéticas filosofia da imaginação criadora"
Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1993
- BEHLAU, Mara. Voz: O livro do especialista. Editora Revinter. Rio de Janeiro, 2001.
- BEUTTENMÜLLER, G. & LAPORT, N.. Expressão vocal e expressão corporal. 2ª
Edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- BORDIEAU, Pierre - 1996 "A ilusão biográfica", in: Ferreira, Marieta de Moraes &
Amado, Janaína (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora
da Fundação Getulio Vargas, 1996, p.183-191 (originalmente publicado em *Actes
de la Recherche en Sciences Sociales*, 1986).
- CALDAS, W. *Iniciação à música popular brasileira*. São Paulo: Ática. 1989
- CAMPOS, A. de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo: Perspectiva. . 1974
_____. *Música e invenção*. São Paulo: Perspectiva. 1998
- CASTRO, Ruy. Estrela Solitária – um brasileiro chamado Garrincha. Rio de Janeiro:
Cia das Letras, 1995.
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Tradução de Maria Beatriz Marques
Nizza da Silva. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- DINVILLE, Claire. A técnica da voz cantada. Enelivros. Rio de Janeiro, 1993.
- DUFRENNE, Mikel. "Estética e filosofia". Editora Perspectiva. São Paulo, 1972.
- Fairclough N. Discurso e mudança social. Brasília: Ed. UnB; 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes - 1994 - "História oral: um inventário das diferenças",
in: Ferreira, Marieta de Moraes (org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história
oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, p. 1-13.
- GLEITMAN, H. Psicologia (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1999.
- GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação
e Participação Democrática. Fundação Odebrecht, Salvador, 2000.
- GORDON, Grahann. "Filosofia das artes: introdução à estética". Editora Edições 70,
São Paulo, 2001.
- LE GOFF, Jacques. "Introdução" e "Nota da introdução". In: _____. *São Luís:
biografia*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- LORIGA, S. "A biografia como problema", in REVEL, J. (org.), *Jogos de escalas: a experiênciada microanálise*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998
- LOUZEIRO, José. Elza Soares: Cantando para não enlouquecer. Editora Globo. Rio de Janeiro, 1997.
- SCHMIDT, Benito (org.) *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc), 2000.
- TATIT, Luiz. O século da canção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.